

# Modulações do Discurso, Interpretações e Memórias sobre a Geada Negra de 1975 e a Cafeicultura Paranaense

Juliane Roberta Santos Moreira<sup>1</sup>, Alessandra Izabel de Carvalho<sup>2</sup>

## RESUMO

No inverno de 1975, uma geada foi responsável pela desidratação e a conseqüente queima de cafezais na região norte do Paraná, alterando de modo significativo sua paisagem agrícola e economia. Após sofrerem os efeitos de uma geada de vento, as plantas exalam odor de queimado e ganham um aspecto escurecido, o que influenciou sua denominação de geada negra. Sua incidência foi noticiada nos jornais locais, tais como os londrinenses *Panorama* e *Folha de Londrina*, como causa do “fim da cafeicultura” desenvolvida no estado e de problemas sociais relacionados ao campo. Ao contrastarmos os discursos produzidos nesses periódicos no momento logo após a ocorrência da intempérie com aqueles reiterados na *Folha de Londrina* na década seguinte, e o exposto na *Gazeta do Povo*, 40 anos depois, assim como os relatos presentes no documentário *Geada Negra: a História do Paraná, da economia cafeeira ao êxodo rural*, de Adriano Justino (2008), podemos perceber permanências e mudanças sobre a interpretação da causalidade única, ou seja, da geada como tendo sido determinante para a retração da cafeicultura. Neste artigo, argumentamos que a recorrência a essa explicação se relaciona com os sentidos narrados por aqueles que a vivenciaram, pois a sensação do frio e o desespero da visão dos cafeeiros queimados influenciam a memória que se tem sobre o evento.

**Palavras-chave:** Geada Negra; Norte do Paraná; Cafeicultura.

<sup>1</sup> Mestre em História (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6344-4838>. e-mail: [julianerobertasm@gmail.com](mailto:julianerobertasm@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em História (UNICAMP). Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2086-5987>. e-mail: [alessandra@uepg.br](mailto:alessandra@uepg.br)

Como atividade intimamente ligada à terra, a agricultura está à mercê de fenômenos atmosféricos como incidência de chuvas, secas e frio intenso. Para contornar ou mesmo amenizar a ação desses fenômenos sobre os cultivos, são desenvolvidas continuamente novas técnicas de manejo e recursos tecnológicos, no entanto eles não constituem os únicos elementos que conduzem os rumos das atividades agrícolas, sendo relevantes as ações do campo político-econômico.

A articulação entre a ação dos fenômenos atmosféricos e as determinações do Estado acerca dos encaminhamentos políticos e econômicos de uma atividade agrícola pode ser observada no processo de retração da cafeicultura desenvolvida no Paraná durante a década de 1970. Em 18 de julho de 1975, ocorreu uma geada de vento, conhecida como geada negra<sup>3</sup>, decorrente do deslocamento da massa de ar antártica que provocou a extensão do fenômeno a lugares nos quais sua incidência era atípica<sup>4</sup> e desidratou a ponto de queima quase a totalidade do parque cafeeiro do estado, deixando improdutivos milhões de pés de café. Assim, a colheita, que havia sido de 1.226.000 toneladas em 1975, retrocedeu à marca de 461 toneladas no ano posterior<sup>5</sup>.

Contudo, desde a década de 1960 estavam em curso esforços do governo estadual para a diversificação do cultivo agrícola na região norte do Paraná. O interesse pela diversificação baseava-se justamente no temor da superprodução de café e na conseqüente desregulação do mercado internacional e queda do preço do grão, bem como na dependência maciça dos cofres do Estado em relação ao seu cultivo. Ou seja, as articulações do próprio Estado já colaboravam para a retração dos hectares ocupados com o cultivo cafeeiro na região, a redução da produção e na perda do título de maior produtor nacional ostentado até então pelo Paraná.

Assim, o processo de retração da cafeicultura paranaense foi encaminhado por múltiplos agentes, porém, para o senso comum as motivações político-econômicas,

<sup>3</sup> As geadas negras correspondem às geadas de vento. Quando há incidência das geadas negras, significa que os ventos desidrataram o tecido exposto da planta, e o vento seco provoca a morte dela antes da formação e do congelamento do orvalho (Paulo Henrique Caramori *et al.*, "Métodos de proteção contra a geada em cafezais em formação", IAPAR (2008). [http://www.iapar.br/arquivos/File/zip\\_pdf/protgeada.pdf](http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/protgeada.pdf)). Quando ocorre a desidratação de partes da planta, seu aspecto corresponde a uma superfície queimada, escurecida.

<sup>4</sup> A geada se estendeu para algumas localidades de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, que apresentaram perdas em seus parques cafeeiros referentes a 66%, 80% e 10%, respectivamente. Cf. Conselho Monetário Internacional & Instituto Brasileiro do Café, 1975 *apud* Elpidio Serra, "O novo modelo agrícola e a proletarização do trabalhador rural no Norte do Paraná", in *Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos*, org. Celso Antonio R. Fonseca Rosas, 25-38 (Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015): 30.

<sup>5</sup> IPEA, *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (Acesso em 16 mar. 2018) <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>.

muitas vezes, sequer são reconhecidas e o papel das geadas ocupa lugar de destaque, em especial a ocorrida em 18 de julho de 1975, que foi retratada recorrentemente como a causalidade para o “fim da cafeicultura”.

Reconhecemos que os desdobramentos dessa geada impactaram socioeconomicamente todo o estado. O êxodo rural e o trabalho volante foram acentuados após sua incidência, e a diversificação de culturas foi acelerada no mesmo período, alterando significativamente a paisagem agrária da região.

No entanto, nossa intenção não é problematizar a fundo tais efeitos, mas compreender como se deu a construção da geada negra enquanto emblema da fragilidade da cafeicultura através dos jornais *Panorama* e *Folha de Londrina*, produzidos e difundidos na região cafeeira do Paraná durante os anos de 1970.

Ao abordar a série de reportagens publicadas na *Gazeta do Povo*, em 2015, buscamos expor como a geada foi revisitada em períodos mais atuais, quando se completaram 40 anos de sua ocorrência. Desse modo, podemos cotejar e analisar discursos que permaneceram ao longo dos anos com aqueles que foram substituídos.

Apesar de nossa fonte possuir limitações, optamos por não deixar de lado a experiência vivida dessas pessoas, pois, como aponta Maffesoli<sup>6</sup>, o apegar-se às vivências enriquece o saber, enriquecimento este que se mostra nos vestígios de como os habitantes do norte do Paraná sentiram de modo sinestésico, o brincar com o gelo, as baixas temperaturas e a tragédia das lavouras queimadas pelos ventos frios.

## **O PÓS-GEADA NEGRA DE 1975 NOS JORNAIS PANORAMA E FOLHA DE LONDRINA**

Os boletins meteorológicos publicados desde o início do inverno na *Folha de Londrina* e no *Panorama*, ao informarem a previsão para as principais cidades paranaenses, cumpriam função complementar às observações que os cafeicultores faziam do tempo, alertando sobre a possível ocorrência de geadas.

---

<sup>6</sup> Michel Maffesoli, *Elogio da razão sensível* (3. ed. Trad. A. C. M. Alstuckenbruck. Petropólis: Vozes, 1998).

A *Folha de Londrina*, jornal de circulação ampla no Paraná atualmente, foi criado em 1947 por João Milanez e Correia Neto. De acordo com Arias Neto<sup>7</sup>, o apoio das elites econômicas da região o fortaleceu como mídia hegemônica em Londrina, ao passo que o periódico se tornou porta voz dessa camada social. A aproximação da direção do jornal com a elite da região e com causas políticas modulou a compreensão de como os acontecimentos pós-geada no final de julho de 1975 foram noticiados, assim como a escolha dos representantes das apreensões, reivindicações e sentimentos dos cafeicultores.

O *Panorama*, por sua vez, foi um periódico de curta duração, que integrou o Grupo Paulo Pimentel (GPP) de março de 1975 a outubro de 1976. Criado em Londrina em um momento de grande efervescência em torno da modernização da agricultura e diversificação agrícola no estado, suas matérias abordaram em tom crítico esses tópicos, que ganharam novo fôlego com a publicação do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), em 1974. Apesar da abordagem crítica desses temas, o *Panorama* não se constituiu como um meio contestador da situação vigente. Como parte de um grande grupo de comunicação dirigido por um político polêmico que reconhecia o poder da imprensa, o periódico articulou interesses de leitores, políticos e de seus patrocinadores, constituídos em grande monta por empreendimentos relacionados aos maquinários e demais insumos agrícolas.

A edição de 17 de julho de 1975 do *Panorama* alertava sobre a possível ocorrência de fortes geadas nas 48 horas seguintes, devido ao deslocamento de uma massa de ar polar em direção ao sul do país que já havia causado nevascas no Rio Grande do Sul<sup>8</sup>. Expressava-se o temor em relação à dissipação de nuvens no céu, fenômeno que a experiência vivida havia ensinado aos moradores locais como um indício de geadas. A edição posterior, de 18 de julho, noticiava que havia ocorrido geadas durante a noite, e a manchete de capa questionava “É o fim do café?”<sup>9</sup>,

<sup>7</sup> Arias Neto, 1998 *apud* Eduardo Amaral Gurgel, “Gêneros jornalísticos na Folha de Londrina”, Artigo apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 4 a 7 set. 2015. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2149-1.pdf>.

<sup>8</sup> “Há perigo de geadas”, *Panorama*, Londrina (17 jul. 1975).

<sup>9</sup> “Geada e neve. É o fim do café?”, *Panorama*, Londrina (18 jul. 1975).

enquanto afirmava que para as lavouras de trigo o prejuízo havia sido grande, “[...] para o café, a geada pode ser o começo do fim”<sup>10</sup>.

Em sua edição de 18 de julho, a *Folha de Londrina* lembrou a geada negra ocorrida em 1957, salientando que ela “[...] causou um prejuízo tão grande que muita gente pensou em abandonar o café”<sup>11</sup>. O periódico enfatizou que em 1957 a dependência econômica da região em relação à atividade cafeeira era maior do que em 1975, visto que, segundo ele, o cultivo havia diminuído em virtude das geadas e outros fatores que não foram explicitados, no entanto isso não atenuou o impacto econômico da queima dos cafezais pelos efeitos da geada<sup>12</sup>.

A *Folha de Londrina* abordou o receio entre os londrinenses de que uma geada negra voltasse a acometer o parque cafeeiro regional, ressaltando que este era o tópico mais recorrente onde houvesse duas ou mais pessoas reunidas nas ruas da cidade. Foi relatado que,

À meia-noite, e na madrugada de hoje, os termômetros registravam 2 graus no centro da cidade e 3 nas baixadas, e já estava geando. Às duas horas da manhã de hoje, quando encerrávamos o trabalho na redação a temperatura continuava em 2 graus, aqui e no centro, tudo indicando que estaríamos no limiar de mais um dia tristemente histórico para o Norte do Paraná: um dos mais dramáticos dias de cafezais estorricados pelo frio<sup>13</sup>.

A repercussão dessa geada ultrapassou as fronteiras regionais, alcançando notoriedade nos noticiários de outros países. O estadunidense *The New York Times* publicou, em 24 de julho, uma matéria na qual abordou os prejuízos sofridos pela lavoura cafeeira e por outros cultivos atingidos, ressaltando inclusive a morte de animais. Também pontuou quais seriam os efeitos da queda da produção no comércio internacional de café<sup>14</sup>.

Em 1978, Larry Rohter publicou no *The Washington Post* uma matéria acerca da geada vivenciada pelo Paraná após seis meses de estiagem. Rohter apontou que muitos dos cafeeiros em produção, congelados em 1978, haviam sido plantados em

---

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> “Em Curitiba, a neve. No Norte, nesta madrugada já estava geando”, *Folha de Londrina*, Londrina (18 jul. 1975): 1.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> *Ibid.*

<sup>14</sup> “Frost in Brazil said to ruin half of coffee crop and peril herds”, *The New York Times*, New York (24. jul. 1975): 10. <https://www.nytimes.com/1975/07/24/archives/frost-in-brazil-said-to-ruin-half-of-coffee-crop-and-peril-herds.html>.

substituição dos que foram erradicados após a geada negra de 1975, que disparou os preços do café no mercado em níveis recordes por todo o mundo<sup>15</sup>.

Através dessa matéria, podemos perceber que a geada não significou perdas para todos os cafeicultores, sendo que outros países produtores foram beneficiados com a elevação do preço do grão, mediante a queda de oferta no mercado. Rohter assinalou:

A geada no Brasil, maior exportador de café do mundo, foi saudada como uma dádiva de Deus por outros produtores de café, que viram os preços do mercado caírem de \$3,20 por libra no ano passado para \$1,40 por libra no início deste mês. O México elevou seu preço mínimo de exportação três vezes na semana passada, e no início desta semana o Equador fez o mesmo (tradução nossa)<sup>16</sup>.

Nos jornais do Norte do Paraná, no entanto, os sentidos das matérias eram distintos dos expostos pelos jornais internacionais, transmitindo uma extrema preocupação tanto dos cafeicultores quanto do poder público, sem brechas para o uso de termos espirituosos, como fez Rohter em sua descrição referente à geada de 1978.

Atualmente, a primeira página da edição de 19 de julho de 1975 da *Folha de Londrina* é um dos primeiros resultados quando pesquisamos por “geada negra” em sites de busca. Isso não ocorre aleatoriamente, pois a manchete anunciava “Não sobrou um único pé de café”<sup>17</sup>, um dado impactante por se tratar do estado que era até então o maior produtor de café no país.

De acordo com o periódico, o relatório preliminar do governador Jayme Canet Jr. era pessimista em relação aos efeitos da geada para a agricultura, confirmado por demais autoridades:

Não sobrou um único pé de café no Paraná. A lavoura do trigo foi dizimada. As demais culturas não existem mais. É este o tom do relatório feito ontem à noite pelo governador Jaime Canet Junior ao presidente Ernesto Geisel. Ele coincide com a observação de todos os homens ligados à cafeicultura. Três autoridades verificaram pessoalmente os estragos nas lavouras. Jaime Canet Junior

<sup>15</sup> Larry Rohter, “Frost damages coffee in Brazil”, *The Washington Post*, Washington (25 ago. 1978). [https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm\\_term=.ce25468f1a66](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm_term=.ce25468f1a66).

<sup>16</sup> “The frost in Brazil, the world’s largest coffee exporter, has been greeted as a godsend by other coffee producers, who have seen market prices fall from a record high of \$3.20 a pound last year to \$1.40 a pound earlier this month. Mexico raised its minimum export price three times last week, and earlier this week Ecuador followed suit” (Larry Rohter, “Frost damages coffee in Brazil”, *The Washington Post*, Washington (25 ago. 1978). [https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm\\_term=.ce25468f1a66](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm_term=.ce25468f1a66)).

<sup>17</sup> “Não sobrou um único pé de café”, *Folha de Londrina*, Londrina (19 jul. 1975): 1.

sobrevoou uma região, o vice-governador Octávio Cesário ocupou-se de outra, o secretário interino da agricultura, Joaquim Severiano, deslocou-se para uma terceira faixa. Os três se encontraram em Londrina, na tarde de ontem, e repetiram uma única frase: “está tudo perdido”<sup>18</sup>.

O cenário de destruição dos cafezais do norte do estado pela geada também fez parte do discurso narrado por Wilson Baggio, presidente do Sindicato de Cafeicultores de Cornélio Procópio. Baggio afirmava que

[...] a longa agonia que os cafeicultores vinham sofrendo, com a inclemência do tempo, levou o tiro de misericórdia. Não existem mais condições de sobrevivência e a insistência em se continuar na atividade, a que ninguém está disposto, põe em risco o próprio patrimônio que tem sido ameaçado inúmeras vezes<sup>19</sup>.

Essa constatação de Baggio sobre a situação da atividade cafeeira no Paraná atribui ao clima regional o longo histórico de perdas de produção por geadas, não mencionando que, para quem pudesse reter estoques, os grandes produtores, as consequências muitas vezes mostravam ser promissoras, visto que com a geada vinha a alta de preços. O “tiro de misericórdia” pontuado por Baggio foi utilizado muitas vezes, posteriormente, por estudiosos e jornalistas para fazer referência ao fenômeno climático ocorrido em 1975.

No entanto, o discurso pautado no “fim da cafeicultura” não era novidade nas páginas dos periódicos londrinenses após a ocorrência das geadas em julho. O tom de fatalidade vinha sendo utilizado pelo *Panorama* desde março do mesmo ano, para apoiar a reivindicação dos envolvidos com as lavouras de café ao amparo do poder público em relação à oscilação de preços para a venda do café. O jornal informava:

Ninguém contesta, no entanto, que estamos assistindo à lenta agonia do outrora opulento rei café. Para quem há trinta, vinte ou dez anos atrás estava acostumado a ver por aqui a terra inteira coberta pela folhagem verde dos cafeeiros, nada mais triste – desolador mesmo – do que presenciar o lamentável espetáculo de lavouras abandonadas, ressecadas ou cobertas pelo mato. Dói, aos velhos cafeicultores, presenciar a liquidação pura e simples de lavouras inteiras que antes sustentavam famílias, davam riqueza à região e divisas aos cofres do governo. “Não vale mais a pena” – é uma frase que de tanto ser repetida chegou a se tornar monótona. Está velha a frase, mas nem assim ela parece ter sido ouvida por quem teria condições de revitalizar um moribundo<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> “Jaime Canet a Geisel: não sobrou um pé de café e o trigo foi dizimado”, *Folha de Londrina*, Londrina (19 jul. 1975): 4.

<sup>19</sup> “Baggio: ‘a cafeicultura acabou’”, *Panorama*, Londrina (19 jul. 1975): 4.

<sup>20</sup> *Panorama*, Londrina (25 mar. 1975).

A narrativa exposta pelo periódico demonstra que havia plantações abandonadas, sem as medidas de corte dos cafeeiros e tratamento da terra para receber outro cultivo, ressaltando que quem poderia resolver o cenário de proximidade da morte da lavoura cafeeira era o próprio governo, que se mantinha alheio às reclamações dos produtores.

Poderíamos pensar que o dramático retrato feito pelo jornal fora uma conjunção de fatores ambientais, como os efeitos das geadas, a incidência da broca do café (*Hypothenemus hampei*) ou a infestação de ferrugem (*Hemileia vastatrix*), os quais prejudicavam as árvores e seus frutos, derivando uma produção abaixo do esperado, o que levava aos requerimentos para que o governo promovesse suporte financeiro para sustentar o cultivo até uma nova safra. Porém, na continuação do texto foi apontado que, em relação a esses dificultadores, se sobressaía a experiência dos agricultores. Em menos de quatro meses anteriores à ocorrência da geada negra, a considerada grande causa para o “fim” da cafeicultura paranaense eram os baixos preços:

A cafeicultura, no entanto, hoje não esconde que está quase derrotada. Com a debandada geral em suas fileiras, pouco falta para que se entregue de uma vez por todas e nunca mais tenha condições de se levantar. Foi a ferrugem? Não, quem venceu geada, seca, broca, pragas de toda a sorte, nunca se renderia a apenas mais uma. A explicação poderia se estender por laudas e laudas de análises conjunturais de problemas e fenômenos que levaram o rei café à decadência. Mas o mais simples, muito mais objetiva e que dispensa a queima de fosfato: foram os preços – ou a falta deles<sup>21</sup>.

Assim, já se assinalava que a política de preços para a cafeicultura suscitava insatisfação em seus produtores. Esperava-se a mobilização do Estado para que o retorno de renda aos cafeicultores fosse mais compensatório, incentivando-os na manutenção da atividade.

O impacto da geada em meados de julho ampliou essas reivindicações, sendo o momento de vulnerabilidade aproveitado para que líderes de cooperativas, presidentes de sindicatos rurais e agrônomos manifestassem suas críticas e sugestões para a continuidade da lavoura cafeeira no Paraná baseadas no amparo governamental.

---

<sup>21</sup> *Ibid.*

De acordo com uma enquete realizada e publicada em 20 de julho de 1975 pelo *Panorama* com cafeicultores de diferentes municípios no norte do estado, o “fim do ciclo do café” estava associado mais às determinações governamentais em amparar ou não o produtor do que à ação da geada.

A resposta do governo federal a essas pressões foi o oferecimento de financiamentos aos agricultores. Para o café, significaria apoiar o replantio apenas nas áreas favoráveis em questão de solo e clima, deixando por conta do agricultor a insistência nas lavouras em espaços de risco. No entanto, a erradicação dos cafezais prosseguiu e muitos preferiram ou foram conduzidos pela situação financeira a arrancar os cafeeiros de suas propriedades, vendendo-as para produtores maiores, ou a substituir o café por outros cultivos, sobretudo soja e trigo.

Os bons preços da soja e do trigo, a grande demanda do mercado internacional e o alto consumo interno, no caso do trigo, auxiliaram no direcionamento dos novos investimentos dos agricultores. Além dos preços, esses cultivos desfrutavam do apoio do governo federal e estadual, através da Companhia Agropecuária de Fomento Econômico do Paraná (CAFÉ DO PARANÁ), importantes para o crescimento das lavouras temporárias no norte do estado.

De acordo com Margolis, em 1980 o parque cafeeiro do Paraná estava composto por 600 milhões de cafeeiros, um terço a menos comparado ao período anterior à geada de 1975. Para a antropóloga, os resultados da geada não foram iguais em toda a faixa norte, dependendo das condições ecológicas e econômicas pré-existentes<sup>22</sup>.

A região noroeste do estado, com grande incidência de solos de arenito Caiuá, menos propícios à cafeicultura e com propensão a ocorrer erosão, apresentou um índice maior de erradicação através do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura<sup>23</sup> (GERCA) do IBC, que atuou em duas fases, de 1962 a 1966, e de 1966 a

<sup>22</sup> Maxine Margolis, “Natural disaster and socioeconomic change: post-frost adjustments in Paraná, Brazil”, *Disasters* 4, n. 2 (1980): 231-235. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7717.1980.tb00276.x>.

<sup>23</sup> O Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura foi um programa criado em 1961 pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), com o objetivo de erradicar cafeeiros considerados antieconômicos a fim de racionalizar a lavoura cafeeira e também abrir espaço para empreendimentos agrícolas mais modernos e apropriados para as localidades atendidas, de acordo com a avaliação técnica do Instituto. Cf. Márcia Siqueira de Carvalho, “O uso do solo na década de 1960 no norte do Paraná e a política cafeeira”, *Geografia*, Londrina, 8, n. 2 (jul./dez. 1999): 135-141. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/download/10191/8990>.

1968. Após a geada, foi intensificada a atividade pecuária, muitas vezes praticada em fazendas que constituíam, anteriormente, pequenas propriedades cafeeiras. Nos solos de terra roxa, nas regiões do norte pioneiro e central, segundo Margolis, pequenas propriedades foram substituídas por fazendas mecanizadas de soja e trigo<sup>24</sup>.

As alterações de cultivares e da estrutura agrária que se seguiram após 1975, intensificaram o problema do desemprego rural. A questão da mão de obra já vinha sendo colocada em pauta muito antes da ocorrência da geada, principalmente com críticas ao Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), promulgado em 1963, que estendia os direitos dos trabalhadores urbanos aos rurais, mas após o fenômeno sua ação sobre as lavouras de café foi apontada como agravadora da situação de trabalho volante na região. Na edição de 20 de julho, o *Panorama* difundiu essa ideia, ao construir a imagem do “[...] bóia-fria, [como a] maior vítima da geada”<sup>25</sup>.

O efeito de erradicar abruptamente o parque cafeeiro do estado colaborou para tornar a situação do desemprego rural ainda mais latente, pois abriu espaço para a implantação quase imediata de novos cultivos e novos modos de produção nas terras antes ocupadas com café, para os proprietários que tinham condições de encaminhar tais mudanças. As exposições dessas questões nos jornais londrinenses demonstravam uma virada histórica na agricultura praticada na região norte do Paraná, que resultou na aceleração de processos que vinham se desenvolvendo, paulatinamente, desde a década de 1960.

Quando entendemos que a cafeicultura significou não só o advento das lavouras cafeeiras, mas uma economia específica da qual pessoas do campo e das cidades do norte do Paraná dependiam em algum nível – seja no comércio de secos e molhados e de outros gêneros variados nas localidades ou para a agroexportação –, podemos vislumbrar o porquê, após a geada de 1975, muitos anunciaram o “fim da cafeicultura”. Mores, ao analisar o modo como essa geada foi descrita na *Folha de Londrina*, compreendeu que há uma carga dramática sensacionalista nas narrativas que buscavam, por meio da comoção popular e do poder público, atender aos

<sup>24</sup> Maxine Margolis, “Natural disaster and socioeconomic change: post-frost adjustments in Paraná, Brazil”.

<sup>25</sup> “O problema social aumenta”, *Panorama*, Londrina (20 jul. 1975).

interesses de grandes cafeicultores instalados na região de serem ouvidos no meio político<sup>26</sup>.

Concordamos que a entonação de encerramento da cafeicultura era utilizada para reforçar as reivindicações dos produtores, mas, em nossa visão, não se tratou apenas disso. Ao longo das décadas, a cafeicultura ganhou alcunha de “ouro verde” e um significado que foi além de um mero cultivo agrícola, passando a simbolizar a esperança de milhares de pessoas em obter ascensão social, melhoria nas condições de vida e a terra própria. Tal processo culminou numa leva migratória para o norte do estado, ampliando a fronteira agrícola de Leste a Oeste, alterando intensamente a configuração ambiental da região, assim como a vida dos que ali estavam e daqueles que ali chegavam.

**Figura 1. Cafeicultor observa cafeeiros queimados após a geada.**



Fonte: L. Nachi (Fotógrafo), in “Foi a pior geada”, *Panorama*, Londrina (19 jul. 1975): 1; Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

<sup>26</sup> Lucas Mores, *História ambiental do agroecossistema do café (Coffea arábica) no norte do Paraná (1945-1975)*, Dissertação de mestrado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. <https://core.ac.uk/download/pdf/132122233.pdf>.

Ainda que, sob arranjos políticos e econômicos, a lavoura cafeeira estivesse sendo reestruturada em técnicas modernas de cultivo e a atenção dada pelos órgãos governamentais de fomento se dirigisse à diversificação de culturas, a geada de 1975 provocou efeitos impactantes pela rapidez com que mudou a paisagem.

A cafeicultura declinou quando, após a geada de 1975, a lavoura cafeeira passou a ocupar um lugar mais modesto enquanto propiciador de rendas ao estado comparado às décadas anteriores e mesmo no momento recente anterior à incidência do fenômeno. Passava a ser, então, apenas mais uma das atividades agrícolas desenvolvidas no Paraná, sob um modelo diferenciado daquele que ficou conhecido como tradicional, praticado por décadas.

A legenda exposta no *Panorama* para a Figura 1, que mostra um cafeicultor boquiaberto a observar os cafeeiros antes verdejantes e depois escurecidos pela ação da geada, é exemplar para a nossa interpretação: “Até quinta-feira [dia 17], o café era ainda a principal riqueza do Paraná. Desde ontem, é um produto secundário. O ciclo do café terminou”<sup>27</sup>.

Nos anos pós-geada, o café não deixou de ser cultivado no Paraná, e com a exceção da safra colhida no segundo trimestre de 1976, não produziu menos de 55 mil toneladas do grão até 2010, geralmente mantendo esse nível acima de 100 mil toneladas<sup>28</sup>. O “Acompanhamento da safra brasileira: café”, publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em janeiro de 2020<sup>29</sup>, estima uma produção de 880 mil a 970 mil sacas do grão, enquanto no boletim publicado no último quadrimestre de 2019 foi apontada a produção de 953 mil sacas de café arábica, considerada menor do que o esperado pela ocorrência de floradas irregulares, frutos brocados e intempéries climáticas<sup>30</sup>.

Ainda assim, é recorrente até hoje como assunto de conversa e matérias de jornal aquela geada de 1975, que teria acabado com o café do estado. No senso comum, a geada de vento que abateu o Paraná em 1975 foi consolidada como um

<sup>27</sup> “Foi a pior geada”. *Panorama*, Londrina (19 jul. 1975): 1.

<sup>28</sup> IPEA, *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (Acesso em 16 mar. 2018) <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>.

<sup>29</sup> CONAB, “Acompanhamento da safra brasileira: café”, *Observatório Agrícola*, Brasília, Safra 2020, Primeiro Levantamento, 6, n. 1 (jan. 2020). [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30380\\_d1e1f36c2356b81e8a385cd24f05993b](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30380_d1e1f36c2356b81e8a385cd24f05993b).

<sup>30</sup> CONAB, “Acompanhamento da safra brasileira: café”, *Observatório Agrícola*, Brasília, Safra 2019, Quarto Levantamento, 5, n. 4 (dez. 2019). [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30013\\_fd482acd14be48dead737ef00acb2e75](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30013_fd482acd14be48dead737ef00acb2e75).

marco da fragilidade do cultivo cafeeiro e como principal agente para o declínio daquele modo de vida e de produção propiciados pela cultura do café até meados da década de 1970.

### **PERMANÊNCIAS E ALTERAÇÕES NOS DISCURSOS SOBRE A GEADA NEGRA DE 1975**

Quem desconhece a história da cafeicultura no Paraná, sobretudo de sua situação nos anos 1970, pode se surpreender e inquietar quando entra em contato com a narrativa de que uma geada, fenômeno típico nessa região, teria decretado o fim da principal cultura agrícola do estado. De certo modo, foi assim que essa pesquisa foi iniciada<sup>31</sup>.

Décadas após o evento da geada de 1975, alguns meios de comunicação paranaenses a relembram em reportagens ou ao menos em uma nota especial. Oliveira aponta que a cafeicultura se tornou um lugar de memória com profundos reflexos dessa geada, principalmente quando se trata de Paraná<sup>32</sup>. A autora caracterizou como “efemérides” a recorrente abordagem da mídia sobre o fenômeno climático, numa ação de buscar demonstrar a especificidade e a importância do acontecimento, revisitando-o em datas aproximadas ao dia de sua ocorrência em anos posteriores<sup>33</sup>.

Ao analisar as efemérides na *Folha de Londrina*, Oliveira salienta que em 1985 o periódico afirmava que a geada havia sido determinante para acabar com as dúvidas dos cafeicultores acerca de eliminar seus cafeeiros em idade produtiva avançada e substituí-los por outros cultivares. Segundo a autora, na edição de 18 de julho de 1985, os jornalistas relataram que muitos leitores iam à redação do jornal para manifestar o sentimento de que “[...] os rastros do cataclisma são feridas na sociedade que os governos não conseguiram cicatrizar”<sup>34</sup>.

Se realmente houve essa procura, podemos considerar que a geada continuou como um assunto da população, que a considerava não só como causa da destruição

<sup>31</sup> Cf. Juliane Roberta Santos Moreira, *Atividade cafeeira entre planos de governo e intempéries climáticas: o caso da cafeicultura no Paraná (1960/1975)*, Dissertação de mestrado em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

<sup>32</sup> Caroline Silva Oliveira, *A “geada negra” de 1975 em Londrina-PR: de evento climático a lugar de memória*, Dissertação de mestrado em História Social, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> “Quem tem saudade?” *Folha de Londrina*, Londrina (18 jul. 1985): 7 *apud Ibid.*, 100.

dos cafezais, mas também como propulsora de problemas sociais como o desemprego rural, o empobrecimento no campo e a miséria nas periferias das cidades para as quais muitos trabalhadores migraram após a incidência da geada, sendo estas as “feridas” que o governo não pode curar. Oliveira demonstra que a *Folha de Londrina* defendeu que a história do café no Paraná teria tido outros contornos se não fosse a ação da geada em 1975<sup>35</sup>.

Em 2000, ocorreram geadas de vento em algumas localidades da região norte do estado, um elemento que reavivou a narrativa sobre a geada negra na *Folha de Londrina*, no que o periódico afirmou haver uma preocupação com o aprofundamento de problemas sociais. Temia-se, de acordo com Oliveira, que as geadas incidentes em 2000 fossem semelhantes às ocorridas na década de 1970, principalmente no efeito de desemprego rural. No entanto, Walter Ogama, jornalista que assinou a matéria, salientou que dessa vez havia pouca disposição dos cafeicultores em abandonar o cultivo<sup>36</sup>.

Em 2015, quarenta anos após a geada negra, além da *Folha de Londrina*, o curitibano *Gazeta do Povo* lançou uma série de reportagens intitulada “40 anos da Geada Negra”, divulgada em mídia digital e impressa na semana de 11 a 17 de julho. Os enfoques foram: o fim do ciclo cafeeiro no Paraná, a partir dos relatos de um cafeicultor, um agrônomo, um cooperativista e um professor universitário; a insistência no cultivo, representada por Armando Shigueoka; e, sobretudo, as implicações dos efeitos da geada nos problemas sociais, discutidos na maioria dos textos.

No dia 11 de julho de 2015, foi divulgada a matéria “Diário da Ruína. Pequena crônica da era cafeeira”, na qual o agricultor Antonio José Frangovic relatou que, em 18 de julho de 1975, recebeu a notícia de que os cafezais cultivados em 30 alqueires de terras da sua família haviam sido aniquilados pela geada negra. De acordo com o entrevistado, os cafeeiros eram cultivados pelos Frangovic desde 1946, empregando 10 famílias no manejo. Antonio José disse que ao receber a notícia “a tristeza foi

---

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> *Ibid.*

inevitável”<sup>37</sup>. Após a geada, as famílias que trabalhavam com a família Frangovic foram dispensadas, sendo que algumas delas migraram para outros estados para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e laranja<sup>38</sup>.

A dispensa de trabalhadores rurais também foi tópico da entrevista realizada com o professor universitário Roberto Bondarik, que assentiu ter sido a geada a motivação para que milhões de pessoas abandonassem a zona rural da região norte do estado, rumo às cidades próximas ou grandes centros urbanos. O entrevistado salientou que essa mobilização coincidiu com a criação da Cidade Industrial, em Curitiba<sup>39</sup>.

Bondarik ressaltou que a legislação trabalhista colaborou para a expulsão dos trabalhadores nas zonas rurais da região Norte, no entanto não a situou no período anterior à geada, enfatizando a ação do evento climático no processo da mecanização das lavouras, da extinção das colônias e da mudança do modo de vida no campo<sup>40</sup>. Segundo o professor,

Daria para dizer que a geada reconfigurou a formação das cidades do Paraná. Em um primeiro momento, a maioria das cidades sofreu com um crescimento, muitas vezes desordenado, devido ao fluxo dos antigos trabalhadores ou colonos das fazendas. Muitos se tornaram volantes ou bóias frias, atividade essencialmente braçal que encontrava no corte da cana de açúcar e na colheita do algodão seu principal campo. Eram muito comuns a miséria e a pobreza na maioria das pequenas cidades<sup>41</sup>.

A compreensão que Roberto Bondarik apresentou em 2015 sobre a ocorrência da geada e suas consequências se aproximou do que foi exposto pelos jornalistas da *Folha de Londrina* em 1985. O entrevistado enfatizou que o fenômeno foi decisório para os agricultores diversificarem os cultivos em suas propriedades, assim como cooperou para o aumento de problemas sociais: o desemprego rural, o trabalho volante, o êxodo rural e o conseqüente inchamento das cidades, tópicos unânimes em 1975, 1985 e 2015.

<sup>37</sup> Diego Antonelli, “Diário da Ruína. Pequena crônica da era cafeeira”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (11 jul. 2015a). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geadanegra/pequena-cronica-da-eracafeeiracan6qw1fqoazawq5x9lwjbt6t/>.

<sup>38</sup> *Ibid.*

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> *Ibid.*

<sup>41</sup> *Ibid.*

O entrevistado convergiu mais uma vez com a matéria de 1985, ao opinar que, se não fosse essa geada, a história do café poderia ter sido diferente, que “[...] o café ainda teria muito fôlego como atividade econômica e poderia ainda se manter por algum tempo”<sup>42</sup>, ressaltando que esse cultivo poderia ser solapado apenas por outra cultura agrícola que produzisse maior impacto.

Na reportagem “O ‘Eldorado’ não é mais aqui”, foram consultados Irineu Pozzobon, agrônomo profícuo quando o assunto é a geada negra de 1975, e Ciro Ohara, supervisor da Cooperativa Integrada, e ambos apontaram uma interpretação diferente da de Bondarik acerca da continuidade da cafeicultura. Pozzobon enfatizou que a geada apenas antecipou o fim do ciclo cafeeiro, visto que a maioria das árvores de café estavam envelhecidas e já havia ocorrido erradicações na década anterior ao fenômeno; apontou também que a legislação trabalhista se tornou uma dificuldade aos cafeicultores, acostumados ao sistema de colonato. Para Ohara, “[...] a cultura ia ser trocada de qualquer forma”<sup>43</sup>.

O termo “Eldorado” representa como a cafeicultura corroborou para o reconhecimento da região norte do Paraná como a “terra da provisão” para aqueles que viam nessa atividade um meio para melhorar a vida. Nas reportagens de Antonelli para a *Gazeta do Povo*, é comum o jornalista escrever “Geada Negra”, em maiúsculo, demonstrando a especificidade do fenômeno que busca retratar, trata-se, afinal, da geada de 1975, elencada enquanto marco simbólico do fim de um ciclo econômico no estado.

Com base nas reportagens posteriores ao ano de 1975, a erradicação dos cafeeiros após essa geada é o primeiro item abordado quando o fenômeno climático é mencionado, seguido pelo êxodo rural, desemprego no campo e crescimento das áreas periféricas urbanas.

Na matéria publicada em 13 de julho de 2015, intitulada “Geada negra é fundamental para entender o PR, diz documentarista”, o entrevistado, Adriano Justino,

---

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> Diego Antonelli, “O ‘Eldorado’ não é mais aqui”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (11 jul. 2015d). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-eldorado-nao-e-mais-aqui-1ol5yhpg0f2byxduni7spp18l/>.

defendeu que é possível observar os impactos dessa geada na atualidade<sup>44</sup>. O jornalista José Carlos Fernandes, apesar de retratar a geada como o “[...] fenômeno que encerrou o ciclo do café, em 1975, [e] fez da capital a parada dos nortistas”, em “A longa viagem dos pés vermelhos”, publicada em 12 de julho na *Gazeta do Povo*, teve o cuidado em demonstrar que anteriormente à geada já havia pressão institucional para que a monocultura fosse substituída, dado seus riscos. Nessa matéria, foi exposto o inchamento das periferias de Curitiba após a falência de fazendas concentradas no cultivo de café, depois da incidências das geadas de 1950 e 1960, e o processo de desfavelização ocorrido nos anos 1966 e 1967<sup>45</sup>.

É coerente o enfoque dado à migração em um periódico curitibano de grande difusão no Paraná, pois Curitiba foi um dos principais destinos para quem se deslocou do Norte do estado na metade final da década de 1970. Na reportagem de José Carlos Fernandes, foram entrevistados cinco migrantes – Arlinda, Dalvina, Vera, Zulmira e João –, que, de acordo com o jornalista, no dia da entrevista cantaram um trecho da música “Flor do Cafezal”, composição de Luiz Paraná e imortalizada nas vozes de Cascatinha e Inhana: “Meu cafezal em flor, quanta flor, meu cafezal [...]”<sup>46</sup>. Vera explicou a atitude: “Sabe o que é? A gente tem saudades da roça”<sup>47</sup>.

Na reportagem publicada em 17 de julho, Antonelli e Fernandes expuseram comentários de pessoas que vivenciaram a experiência da geada negra, enquanto moradores do norte paranaense ou que conheceram histórias desse dia através de familiares que a presenciaram<sup>48</sup>. Distinto do mote das entrevistas anteriores, nas quais as consequências econômicas e problemas sociais se sobressaíram, nos relatos de experiências os gatilhos de memória eram outros, era a sensação do frio e a imagem dos cafezais queimados.

Os relatos descritos nessa reportagem, não à toa intitulada “Memórias talhadas no gelo”, demonstram a importância de considerar os agricultores e as

<sup>44</sup> Diego Antonelli, “Geada negra é fundamental para entender o PR, diz documentarista”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (13 jul. 2015c). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geadanegra/geada-negra-e-fundamental-para-entender-o-pr-diz-documentarista-9a7naak73bzc7e1101fezeg6/>.

<sup>45</sup> José Carlos Fernandes, “A longa viagem dos pés vermelhos”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (12 jul. 2015). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/a-longa-viagem-dos-pes-vermelhose9o5e4ylepi7jxd19njb2b2d/>.

<sup>46</sup> Luiz Carlos Paraná, Intérprete: Cascatinha & Inhana, “Flor do Cafezal”, in *25 anos de amor* (Rio de Janeiro: RCA Camden, 1967): 1 LP. Faixa 3.

<sup>47</sup> José Carlos Fernandes, “A longa viagem dos pés vermelhos”.

<sup>48</sup> Diego Antonelli & José Carlos Fernandes, “Memórias talhadas no gelo”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (17 jul. 2015). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/memorias-talhadas-no-gelodj5cjs493dkqzf4aqb0xxrhu8/>.

agricultoras e mesmo aqueles que não trabalhavam diretamente nas lavouras cafeeiras, mas habitavam na região norte do Paraná e conviviam com a efervescência proporcionada pelas atividades relacionadas ao café, não apenas no sentido econômico, em sua integralidade, inserindo-os no ambiente no qual desenvolveram conhecimentos e afetividades nas relações possibilitadas pelos sentidos do próprio corpo.

### **A SENSÇÃO DE FRIO E O IMPACTO DA VISÃO DOS CAFEZAIS QUEIMADOS: SENTIDOS PELO CORPO E GATILHOS DE MEMÓRIA**

Por décadas, mulheres e homens se estabeleceram no Norte do Paraná, muitos motivados pela promessa de ascensão econômica através do cultivo do “ouro verde” na “terra roxa”. A fertilidade do solo dessa região foi primordial para o desenvolvimento da atividade cafeeira, e, aliada à alta demanda do mercado pelo grão, justificou os riscos que o clima de transição de Tropical para Subtropical representavam aos cafeeiros.

Nesses primeiros anos, as condições encontradas pelos “pioneiros”, quando a região era habitada por indígenas e caboclos, foram completamente alteradas, árvores frondosas das Florestas Estacional Semidecidual e Subtropical com Araucárias foram derrubadas, e houve a formação de um agroecossistema diferenciado dos cultivos praticados pelos moradores mais antigos.

Dos primeiros cultivos dentro da fronteira paranaense até a atualidade, os modos de produção mudaram, as decisões tomadas em relação à cafeicultura passaram do estímulo ao desincentivo, a paisagem foi sendo alterada pela substituição dos cafezais por outros cultivares e houve ampliação das lavouras temporárias. Tudo isso implicou em processos de resignificação das relações que conectam as pessoas àqueles lugares e aos cultivos neles praticados.

Donald Worster enfatiza que “[...] percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou um grupo com a

natureza”<sup>49</sup>. No caso da cafeicultura no Norte do Paraná, percebemos estruturas de sentimentos em relação à terra e à planta nela cultivada. Após a incidência da geada, cafeicultores, proprietários e trabalhadores viram os cafezais antes verdejantes convertidos em uma massa escurecida pela ação dos ventos frios e baixa temperatura que abateram os pés de café e arrefeceram o ânimo das pessoas.

**Figura 2. Poda dos cafeeiros atingidos pela geada Negra de 1975.**



Fonte: Diego Antonelli & José Carlos Fernandes, “Memórias talhadas no gelo”, *Gazeta do Povo*, Curitiba (17 jul. 2015). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/memorias-talhadas-no-gelodj5cjs493dkqzf4aqb0xxrhu8/>.

A ligação entre os cafeicultores com o cultivo cafeeiro e o frio são duas constantes nas rememorações sobre essa época. Na ocasião da matéria “Memórias talhadas no gelo”, leitores encaminharam suas experiências com a geada à *Gazeta do Povo*. Ricardo Rocha Oliveira, residente em Apucarana em 1975, relatou que

Tinha 9 anos. Mesmo com todo aquele frio, fomos para a rua brincar. Naquele dia, as brincadeiras eram pisar na grama e ouvir o barulho do gelo quebrando, ver as roupas duras nos varais, passar a mão sobre os carros para tirar a espessa camada de gelo, arrancar lascas de gelo de torneiras e beber a água

<sup>49</sup> Donald Worster, “Para fazer história ambiental”, *Estudo Histórico*, Rio de Janeiro, 4, n. 8 (1991): 198-215. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>: 202.

quase congelada, criar vapor com ar que saía da boca e sentir o cheiro do frio. Parece estranho, mas se frio tem cheiro, aquele foi o dia em que eu o conheci. Ser paranaense, especialmente do Norte, na década de 70, era ter uma relação umbilical com o café. Entre as minhas lembranças de infância, a fazenda de café é uma das principais: o terreirão e as casas dos moradores formando pequenas vilas [...]. Toda vez que sinto o cheiro do café e o provo, a memória me leva para o Norte do Paraná [...]. O 18 de julho nunca mais saiu das vidas de quem morava no Paraná naquela época. Como paranaense, tenho convicção de que nunca mais fui o mesmo. Sinto ainda nos meus ossos o frio de 18 de julho. Minha alma paranaense mudou profundamente<sup>50</sup>.

### O frio também protagonizou as lembranças de Igo Martini:

Eu lembro bem daquela manhã [18 de julho de 1975]. Quando a mãe abriu a porta da velha casa de madeira em que vivíamos, lá fora tudo estava congelado – as roupas no varal, a água no tanque e as plantas no quintal. Nós morávamos na Rua Guimarães Rosa, hoje um bairro nobre em Goioerê [Noroeste do Paraná]. Naquela época, até boiada passava na rua<sup>51</sup>.

Na faixa norte do Paraná, aqueles que estavam de algum modo relacionados à agricultura permaneciam alertas à oscilação de temperaturas desde o início do inverno, assim como às previsões das estações meteorológicas e aos sinais do tempo para a ocorrência de geadas. As geadas constituem fenômenos comuns nessa região, e os danos da incidência de uma geada severa para as lavouras de café e demais culturas já eram conhecidos.

Nos dias atuais, o Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) oferece um serviço de alerta de geadas através de mala direta, na qual os agricultores e demais interessados podem se cadastrar para receber essas informações por *e-mail*, por contato telefônico ou através do acesso ao aplicativo IAPAR *Clima*<sup>52</sup>. Nos anos de 1970, os alertas eram divulgados nos periódicos que circulavam pela região, e a experiência dos moradores permitia que eles previssem qual o tipo de geada estava por vir.

No documentário *Geada Negra: a História do Paraná, da economia cafeeira ao êxodo rural*, dirigido por Adriano Justino, percebemos o entendimento sobre o tempo na sequência das falas selecionadas pelo documentarista:

[Daniel Henrique de Andrade – corretor de café]: Em 14, 15, 16 nós tivemos muito calor... e me assustou muito porque no mês de julho nunca faz calor. Nós chegamos a [ininteligível] a casa dos 30 graus, naquela época era muito, 31 graus, 32 graus, um calor abafadiço. Eu estranhei muito. E no dia 16 entrou essa frente... acompanhada dessa massa polar, choveu durante a noite, muito. No

<sup>50</sup> Diego Antonelli & José Carlos Fernandes, "Memórias talhadas no gelo".

<sup>51</sup> *Ibid.*

<sup>52</sup> IAPAR, *Alerta Geada* (Acesso em 02 set. 2018) <http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=414>.

outro dia amanheceu meio encoberto começando a limpar, as quatro horas da tarde começou a limpar... o vento sul [...].

[Milton Matoso – corretor de café]: [...] e esse é o problema que nós chamamos aqui, na linguagem tupiniquim, vento de capote para o café, além do frio, além da chuva, a garoa, o vento. Então, o vento vai minando a resistência do cafeeiro por baixo [...].

[Jota Oliveira – jornalista]: No dia 17 de julho, começou a esfriar muito à tarde e caiu uma chuvinha rala, e a temperatura baixando, aí todo mundo pensou: “Com certeza, se limpar o tempo, amanhã a geada vai arrasar tudo”. – E não é que limpou o tempo!<sup>53</sup>

Os corretores de café Daniel Henrique de Andrade e Milton Matoso descreveram as condições apresentadas pelo tempo meteorológico nos dias anteriores à geada e os efeitos que esse fenômeno poderia provocar aos cafeeiros se as variações do tempo se encaminhassem para uma geada de vento. Pela descrição do jornalista Jota Oliveira, o dia 17 de julho de 1975 foi de apreensão, pois as pessoas temiam o “limpar” do tempo, ou seja, a dispersão das nuvens, sinal de que em seguida viria uma geada.

Assim, ainda que a cafeicultura, em meados da década de 1970, estivesse abaixo das determinações que os planejamentos político-econômicos dos governos haviam estabelecido como caminho para o desenvolvimento, os arranjos da atmosfera política não eram sentidos pela população da mesma forma que os fenômenos da atmosfera meteorológica.

Desse modo, compreendemos que o declínio da cafeicultura, atribuído pelo senso comum à geada de 1975, relaciona-se com os apontamentos construídos nos jornais da época, e que continuam a ser disseminados pelas publicações mais recentes – apesar de o distanciamento temporal ter possibilitado aos jornalistas uma visão um pouco mais ampliada sobre as motivações para tal processo. Mas não é apenas isso.

O inverno, desde os antigos gregos, é relacionado ao tempo da tristeza, assim como o outono à decadência. Não à toa, essas estações correspondiam, segundo o mito de Deméter, ao período em que a deusa da agricultura e das estações do ano lamentava-se pela ausência da filha Perséfone, sendo que na primavera e no verão se

<sup>53</sup> Adriano Justino dir., *Geadas Negra: a História do Paraná, da economia cafeeira ao êxodo rural* (Curitiba: Kosmos Noetós, 2008): 1 DVD, 52 min., son., color.

alegrava com a sua presença<sup>54</sup>. Assim, como o mito justificava, para os antigos gregos as dificuldades impostas à agricultura, quando a tristeza da deusa por ela responsável convertia-se no frio do inverno, essa estação continuou sendo o período de maiores preocupações para os agricultores, independente do espaço-tempo em que se situam.

A experiência vivida da geada apresenta aspectos diferentes. Ricardo Rocha Oliveira rememorou o aspecto lúdico da situação, pois enquanto criança aproveitou as condições meteorológicas diferenciadas para brincar, “ouvir o barulho do gelo quebrando”, “passar a mão [...] para tirar a espessa camada de gelo”, “sentir o cheiro do frio”. Para Edson Ribeiro da Silva, morador de Lidianópolis, em 18 de julho de 1975, a percepção desse dia foi aproximada: “[...] um dos dias mais gostosos da minha infância. Pudemos brincar no gelo, artigo de luxo na lavoura”, mas lembra que “[...] os pés de café abasteceram os fornos por anos”<sup>55</sup>.

Para outras pessoas, tais como o homem representado na Figura 1, o deparar-se com os cafeeiros que até o momento anterior à geada tinham folhas verdes ao olhar e tenras ao tocar, mas apresentavam-se marrons e frágeis após a sua incidência, além do odor de “queima” das plantas, fora expressado o aspecto trágico da situação.

Margolis demonstra que, durante os invernos com previsões de geadas, a apreensão dos cultivadores era tanta que mobilizava vigílias para esperá-las, ou melhor, esperar que elas não ocorressem sobre seus cafezais, mas caso incidissem, poder avaliar os estragos causados. A antropóloga diz que, no inverno de 1966,

[...] quando o céu escureceu em direção à noite, o frio caiu e uma vigília de uma noite começou. Um grupo de agricultores se reuniu para beber cachaça [...] e discutir as possíveis perdas que seriam causadas se geasse. A cada cinco ou dez minutos, uma pessoa olhava o termômetro e relatava (tradução nossa)<sup>56</sup>.

A marca deixada pelas vivências das geadas era tamanha entre os cafeicultores que, segundo Margolis, sendo pessoas que viviam há 20 ou 30 anos nessa região, sabiam as datas exatas da ocorrência das geadas e os danos que cada uma havia provocado nos cafeeiros. Esses moradores, segundo a autora, podiam comparar o

<sup>54</sup> Hugo Maddalena Jr., “A beleza incomparável do mito da origem do inverno”, *Educação Pública* 20, n. 28 (jul. 2020). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/28/a-beleza-incomparavel-do-mito-da-origem-do-inverno>.

<sup>55</sup> Diego Antonelli & José Carlos Fernandes, “Memórias talhadas no gelo”.

<sup>56</sup> “[...] as the sky darkened toward evening a cold chill fell and a night-long vigil began. A group of farmers had gathered to drink cachaça [...] and discuss the possible losses they would incur if it froze. Every five or ten minutes one would go out to look at the thermometer and report” (Maxine Margolis, “Green gold and ice: the impact of frost on the coffee growing region of Northern Paraná, Brazil”, *Mass Emergencies* 4, n. 2 (1979): 135-144: 137).

tempo meteorológico com aquele no qual ocorreram geadas negras para fazerem suas previsões<sup>57</sup>.

Tal qual Margolis, ao defender a antropologia ecológica como propiciadora de uma maior compreensão de elementos vivenciados no âmbito ideológico das populações<sup>58</sup>, defendemos a perspectiva de uma história encarnada como meio de ampliar a compreensão do processo de atribuição do “fim do ciclo cafeeiro” no Paraná à geada de vento, que incidiu sobre o Norte do estado em 18 de julho de 1975.

Os cafezais compunham o cotidiano de quem habitava as áreas rurais do Norte do Paraná. A visão dos cafeeiros verdejantes, em flor ou em cerejas, em suas correspondentes épocas, atingia trabalhadores e moradores da região, bem como todos aqueles que por ali passavam. O fenômeno das geadas também compunha esse ambiente na estação do inverno, das mais sutis àquelas “desastrosas”, porém a de 1975, em especial, provocou sensações que não foram esquecidas. As experiências, tanto em seu aspecto lúdico quanto trágico, foram possibilitadas àqueles que habitavam as regiões cafeeiras do estado pela convocação de todos os sentidos.

Essa história encarnada, corporificada, sentida pelo olhar, pelo cheirar e pelo tocar, torna mais tangível a compreensão dos discursos e das memórias evocadas sobre a geada de 18 de julho de 1975. De acordo com Lindón, a relação estabelecida entre o corpo e a espacialidade é inevitável para a condição humana, assim como “[...] o espaço e as emoções constituem outro aspecto inevitável da própria vida” (tradução nossa)<sup>59</sup>.

A vivência dessa experiência pelos moradores do Norte do Paraná, longe de ser entendida nessa análise enquanto um elemento de menor importância, é um modo de “enriquecer o saber” e “uma forma de empatia”, como define Michel Maffesoli<sup>60</sup>. Desse modo, o episódio acontecido no inverno de 1975, conhecido pela gama de mudanças que acelerou, perpetua-se nos teatros da memória daqueles que a viveram

<sup>57</sup> Maxine Margolis, “Green gold and ice: the impact of frost on the coffee growing region of Northern Paraná, Brazil”: 137.

<sup>58</sup> *Id.*, “Historical perspectives on frontier agriculture as an adaptive strategy”, *American Ethnologist* 4, n. 1 (fev. 1977): 42-64. <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/ae.1977.4.1.02a00030>: 42.

<sup>59</sup> “[...] el espacio y las emociones constituye otro aspecto ineludible de la vida misma” (Alicia Lindón, “Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado *betweenness*”, *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 11, n. 33 (dez. 2012): 698-723. <https://studylib.es/doc/8565287/corporalidades--emociones-y-espacialidades>: 701).

<sup>60</sup> Michel Maffesoli, *Elogio da razão sensível*: 272.

e na transmissão de seus relatos a outras pessoas, tanto pela experiência sensorial provocada pela ação do fenômeno e do frio de intensidade atípica que pairou na região norte, quanto pelas emoções que o sentir lhes proporcionou.

No Paraná, a cafeicultura constituiu uma verdadeira epopeia desde os primeiros cultivos, da efetiva consolidação como lavoura voltada à exportação após a devastação das matas locais e da derrubada de árvores majestosas pelos colonos. Com a aventura das oscilações de preços, geadas, microorganismos, estímulo e retração dos incentivos estatais, mudança na contratação de mão de obra, erradicação, confiscos cambiais, cotas de sacrifícios, equilíbrio da oferta com a demanda, entre tantas outras situações pelas quais a “heroína” dessa história perpassou, o desfecho deveria ser digno de uma epopeia.

Ignorando os elementos da atmosfera política e econômica, para aqueles que vivenciaram esse período, a cafeicultura sucumbiu em 1975 pela ação de um fenômeno, o qual nenhum agente humano, produtor ou representantes do poder público poderia impedir. Assim, a geada negra ocupou e ainda ocupa, no senso comum e na memória de muitos, a responsabilidade pelo “fim da cafeicultura” no Paraná, reiterando o que apontou Raphael Samuel, quando afirma que a memória “[...] porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido”<sup>61</sup>.

Nesse sentido, a experiência dos plantadores de café, em 18 de julho, foi permeada pela sinestesia do ver, tocar e sentir o odor de queimado de seus cafeeiros e de ouvir o barulho do gelo se quebrando sob seus pés. Nesse fatídico dia, os agricultores amanheceram com o ambiente em que se inseriam e no qual atuavam modificado, de modo que as percepções derivadas de tal impacto – os prejuízos à atividade levantados posteriormente – certamente contribuíram para os discursos repetidos até hoje sobre a geada negra de 1975.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As geadas consistem em fenômenos meteorológicos comuns no Paraná e incidiram sobre os cafezais em vários invernos desde a instalação da lavoura cafeeira

---

<sup>61</sup> Raphael Samuel, “Teatros de memória”, Trad. M. T. J. Ribeiro & V. H. P. Maluf, *Projeto História*, São Paulo, 14 (fev. 1997): 41-81. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11234/8241>: 44.

no estado. Porém, a geada de vento ocorrida em 18 de julho de 1975, conhecida e lembrada como geada negra, provocou danos de grande proporção ao tornar improdutivo quase a totalidade do parque cafeeiro estadual, rendendo uma produção ínfima no ano posterior.

O contexto de transformações em que a intempérie incidiu, e seus efeitos sobre as lavouras, fortaleceu o discurso que acusava a fragilidade da cafeicultura na região norte do Paraná, visto ela ser considerada uma área desfavorável ao cultivo tropical, pela incidência de geadas e em algumas faixas, pelo tipo de solo. Para superar essa fragilidade, a resposta era a urgente necessidade de substituir a atividade.

De imediato ao seu acontecimento, os jornais locais ocuparam-se em noticiar o “fim da cafeicultura”, estendendo à geada a culpa por processos que vinham se descortinando há décadas, como o agravamento do trabalho rural volante e o êxodo rural.

Fato é que o impacto dessa geada ampliou as reivindicações de agricultores por maior atenção do governo do estado para a atividade cafeeira, ressaltando que a sua continuidade dependeria do apoio estatal. A resposta do governo estadual esteve afinada ao planejamento federal, ao estimular o cultivo de lavouras diversificadas. Replantar os cafezais não era opção viável aos pequenos agricultores, pelos custos e o tempo para começar a produzir. Para os grandes agricultores, haviam alternativas mais rentáveis, como as mecanizadas lavouras brancas, não perenes, como os cultivos de soja e trigo e a pecuária. O café, portanto, foi perdendo significativo espaço no uso do solo da região norte do Paraná.

A geada de 18 de julho de 1975 continuou sendo assunto para matérias jornalísticas ao longo das décadas. O impacto que esse gélido dia causou nos habitantes da faixa norte do estado, ao observarem as lavouras, das quais viviam e zelavam, escurecida pela ação do frio e dos ventos, bem como ao verem a mudança na paisagem a que estavam habituados, não pode ser negligenciado como um modo de compreender o porquê essa geada de vento foi sendo cristalizada como a principal causa para o “fim da cafeicultura”.

Assim, ao elencarmos as múltiplas causalidades presentes no processo de retração da cafeicultura, compreendemos que os elementos da atmosfera político-econômica foram sentidos de modo menos acentuado pelas pessoas, agricultoras ou não. A geada, no entanto, foi sendo edificada na memória coletiva regional como um final “homérico” para a epopeia do café no Paraná.

## REFERÊNCIAS

Antonelli, Diego. “Diário da Ruína. Pequena crônica da era cafeeira”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (11 jul. 2015a). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geadanegra/pequena-cronica-da-eracafeeiracan6qw1fqoazawq5x9lwjbt6t/>.

Antonelli, Diego. “Entrevista. O Norte do Paraná tem saudades dos tempos da cafeicultura”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (13 jul. 2015b). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geadanegra/o-norte-do-parana-tem-saudades-dos-tempos-da-cafeiculturaf0bzxa9jkn7ftnl8a2xl5hl2e/>.

Antonelli, Diego. “Geada negra é fundamental para entender o PR, diz documentarista”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (13 jul. 2015c). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geadanegra/geada-negra-e-fundamental-para-entender-o-pr-diz-documentarista-9a7naak73bzwc7e110ifezeg6/>.

Antonelli, Diego. “O ‘Eldorado’ não é mais aqui”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (11 jul. 2015d). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-eldorado-nao-e-mais-aqui-1ol5yhpg0f2byxduni7spp18l/>.

Antonelli, Diego, & José Carlos Fernandes. “Memórias talhadas no gelo”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (17 jul. 2015). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/memorias-talhadas-no-gelodj5cjs493dkqzf4aqb0xxrhu8/>.

“Baggio: ‘a cafeicultura acabou’”. *Panorama*, Londrina (19 jul. 1975).

“Calazans expõe temores a Geisel”. *Folha de Londrina*, Londrina (18 jul. 1975).

“Campanha: a geada passa, a terra fica”. *Panorama*, Londrina (24 ago. 1975).

Caramori, Paulo Henrique, Armando Androcioli Filho, Francisco Carneiro Filho, Dalziza de Oliveira, Heverly Moraes, Alex Carneiro Leal, & Jonas Galdino. “Métodos de

proteção contra a geada em cafezais em formação”. IAPAR (2008). [http://www.iapar.br/arquivos/File/zip\\_pdf/protgeada.pdf](http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/protgeada.pdf).

Carvalho, Márcia Siqueira de. “O uso do solo na década de 1960 no norte do Paraná e a política cafeeira”. *Geografia*, Londrina, 8, n. 2 (jul./dez. 1999): 135-141. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/download/10191/8990>.

CONAB. “Acompanhamento da safra brasileira: café”. Observatório Agrícola, Brasília, Safra 2019, Quarto Levantamento, 5, n. 4 (dez. 2019). [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30013\\_fd482acd14be48dead737ef00acb2e75](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30013_fd482acd14be48dead737ef00acb2e75).

CONAB. “Acompanhamento da safra brasileira: café”. Observatório Agrícola, Brasília, Safra 2020, Primeiro Levantamento, 6, n. 1 (jan. 2020). [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30380\\_d1e1f36c2356b81e8a385cd24f05993b](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe/boletim-da-safra-de-cafe/item/download/30380_d1e1f36c2356b81e8a385cd24f05993b).

“Em Curitiba, a neve. No Norte, nesta madrugada já estava geando”. *Folha de Londrina*, Londrina (18 jul. 1975).

Fernandes, José Carlos. “A longa viagem dos pés vermelhos”. *Gazeta do Povo*, Curitiba (12 jul. 2015). <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-ecidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/a-longa-viagem-dos-pes-vermelhose9o5e4ylepi77jxd19njb2b2d/>.

“Fim do café? Só se o governo quiser”. *Panorama*, Londrina (20 jul. 1975).

“Foi a pior geada”. *Panorama*, Londrina (19 jul. 1975).

“Frost in Brazil said to ruin half of coffee crop and peril herds”. *The New York Times*, New York (24. jul. 1975): 10. <https://www.nytimes.com/1975/07/24/archives/frost-in-brazil-said-to-ruin-half-ofcoffee-crop-and-peril-herds.html>.

“Geada e neve. É o fim do café?” *Panorama*, Londrina (18 jul. 1975).

Gurgel, Eduardo Amaral. “Gêneros jornalísticos na Folha de Londrina”. Artigo apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 4 a 7 set. 2015. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2149-1.pdf>.

“Há perigo de geadas”. *Panorama*, Londrina (17 jul. 1975).

IAPAR. Alerta Geada. (Acesso em 02 set. 2018) <http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=414>.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (Acesso em 16 mar. 2018) <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>.

“Jaime Canet a Geisel: não sobrou um pé de café e o trigo foi dizimado”. Folha de Londrina, Londrina (19 jul. 1975).

Justino, Adriano. dir. Geada Negra: a História do Paraná, da economia cafeeira ao êxodo rural. Curitiba: Kosmos Noetós, 2008. 1 DVD, 52 min., son., color.

Lindón, Alicia. “Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado betweenness”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção 11, n. 33 (dez. 2012): 698-723. <https://studylib.es/doc/8565287/corporalidades--emociones-y-espacialidades>.

Maddalena Jr., Hugo. “A beleza incomparável do mito da origem do inverno”. Educação Pública 20, n. 28 (jul. 2020). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/28/a-beleza-incomparavel-do-mito-da-origem-do-inverno>.

Maffesoli, Michel. Elogio da razão sensível. 3. Ed. Trad. A. C. M. Alstuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

Margolis, Maxine. “Green gold and ice: the impact of frost on the coffee growing region of Northern Paraná, Brazil”. Mass Emergencies 4, n. 2 (1979): 135-144.

Margolis, Maxine. “Historical perspectives on frontier agriculture as an adaptive strategy”. American Ethnologist 4, n. 1 (fev. 1977): 42-64. <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/ae.1977.4.1.02a00030>

Margolis, Maxine. “Natural disaster and socioeconomic change: post-frost adjustments in Paraná, Brazil”. Disasters 4, n. 2 (1980): 231-235. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7717.1980.tb00276.x>.

Mores, Lucas. História ambiental do agroecossistema do café (*Coffea arábica*) no norte do Paraná (1945-1975). Dissertação de mestrado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. <https://core.ac.uk/download/pdf/132122233.pdf>.

Moreira, Juliane Roberta Santos. Atividade cafeeira entre planos de governo e intempéries climáticas: o caso da cafeicultura no Paraná (1960/1975). Dissertação de mestrado em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

“Não sobrou um único pé de café”. Folha de Londrina, Londrina (19 jul. 1975).

“O problema social aumenta”. Panorama, Londrina (20 jul. 1975).

Oliveira, Caroline Silva. A “geada negra” de 1975 em Londrina-PR: de evento climático a lugar de memória. Dissertação de mestrado em História Social, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

Panorama, Londrina (25 mar. 1975).

Paraná, Luiz Carlos. *Intérprete: Cascatinha & Inhana. “Flor do Cafezal”*. in 25 anos de amor. Rio de Janeiro: RCA Camden, 1967. 1 LP. Faixa 3.

Rohter, Larry. “Frost damages coffee in Brazil”. *The Washington Post*, Washington (25 ago. 1978). [https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm\\_term=.ce25468f1a66](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/08/25/frost-damages-coffeein-brazil/09701525-3525-486e-858e-405f42fd10db/?noredirect=on&utm_term=.ce25468f1a66).

Samuel, Raphael. “Teatros de memória”. Trad. M. T. J. Ribeiro & V. H. P. Maluf. *Projeto História*, São Paulo, 14 (fev. 1997): 41-81. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11234/8241>.

Serra, Elpídio. “O novo modelo agrícola e a proletarização do trabalhador rural no Norte do Paraná”. in *Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos*, org. Celso Antonio R. Fonseca Rosas, 25-38. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

Worster, Donald. “Para fazer história ambiental”. *Estudo Históricas*, Rio de Janeiro, 4, n. 8 (1991): 198-215. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>.

## Modulations of the Speech, Interpretations and Memories about the Black Frost of 1975 and Coffee Growing in the State of Paraná

### ABSTRACT

In the winter of 1975, frost was responsible for dehydration and the consequent burning of coffee plantations in the northern region of Paraná, significantly altering its agricultural landscape and economy. Due to the darkened aspect of the plants and the combustion odor that they exhale after suffering the wind frost phenomenon, it was called black frost. Its incidence was reported in local newspapers, such as *Panorama* and *Folha de Londrina*, as a cause of the “end of coffee production” developed in the state and of social problems related to the countryside. By contrasting the speeches produced in these periodicals right after the storm occurred with those reiterated in *Folha de Londrina* in the following decade, and what was exposed in *Gazeta do Povo*, 40 years later, as well as the reports present in the documentary *Geada Negra: a História do Paraná, da economia cafeeira ao êxodo rural*, de Adriano Justino (2008), we can perceive permanences and changes in the interpretation of the unique causality, that is, of the frost as having been determinant for the retraction of the coffee culture. In this article, we argue that the recurrence of this explanation is related to the senses narrated by those who experienced it, because the sensation of cold and the despair of the sight of the burnt coffee trees influences the memory of the event.

**Keywords:** Black frost; Northern Paraná; Coffee farming.

Recibido: 09/11/2020  
AproVado: 22/12/2020